



ANÁLISE DE DISCURSO: a recepção da crônica de Zeca Camargo em páginas jornalísticas virtuais

Deborah Andrade Leal¹

Marcos Paulo Santa Rosa Matos²

1 INTRODUÇÃO

Este artigo estuda o modo como as revistas Caras e Veja e o jornal O Globo receberam a crônica do jornalista Zeca Camargo que foi apresentada no “Jornal das Dez”, do canal Globo News, texto que ganhou grande repercussão ao referir-se à comoção nacional em razão da tragédia envolvendo a morte do cantor sertanejo Cristiano Araújo e de sua namorada. Ressalte-se que o que se analisa neste trabalho não é a crônica em si, mas a forma como as páginas virtuais selecionadas repercutiram-na, de modo a revelarem, por meio de mecanismos linguísticos, a sua filiação discursiva, que, por sua vez, evidencia um posicionamento ideológico.

O objetivo é, portanto, mostrar os mecanismos linguísticos que revelam as posições ideológicas assumidas pelos veículos que divulgaram a contenda causada por essa crônica, assim como os efeitos de sentido produzidos na assunção discursiva dessas posições. Para isso, busca-se fundamento na Análise de Discurso de tradição francesa (AD), isto é, aquela teorizada por Michel Pêcheux entre as décadas de 1960 e 1980, cujo aporte teórico é tomado, sobretudo, a partir de Pêcheux (1990, 1995), Pêcheux e Fuchs (1990), Orlandi (1996, 2002, 2009), Gregolin (2003) e Florêncio et al. (2009), dando-se especial atenção à relação entre a AD e o materialismo histórico.

2 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA

A AD fundada por Michel Pêcheux na década de 1960, e trazida para o Brasil na década de 80, sobretudo, através de Eni Orlandi, professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), foi marcada pelas contradições sociais determinantes da conjuntura política e econômica em que foi produzida:

¹ Mestranda em Letras pela UFAL. E-mail: leal.deborah14@gmail.com.

² Mestrando em Letras pela UFS. E-mail: mp.srmatos@hotmail.com.

A França dos anos 60 não estava alheia ao turbilhão dos acontecimentos mundiais da época; pelo contrário, na Europa ocidental era um dos seus centros motrizes. O desfecho da segunda guerra mundial dependeu exclusivamente de dois países não situados na Europa ocidental: Os Estados Unidos e a União Soviética (leste europeu e parte da Ásia). A Europa ocidental é deslocada do centro do poder internacional e passa a viver as inseguranças da guerra fria. A nova ordem mundial, marcada pela disputa geopolítica de dois modelos econômicos antagônicos – capitalismo x “socialismo” – gerou uma corrida armamentista sem precedentes. A “prosperidade” da Europa ocidental – consequência dos investimentos norte-americanos e das inovações tecnológicas – não ocorreu sem o aumento da desigualdade social, da exploração de classes e do afloramento dos movimentos sociais. (FLORENCIO et al, 2009, p. 19).

De modo especial deve-se citar o movimento estudantil de maio de 1968, quando os universitários parisienses realizaram diversos protestos, questionando o modelo de sociedade vigente, em geral, e a estrutura conservadora e elitista da universidade francesa, em particular. Do ponto de vista intelectual, o trabalho pecheutiano articulou-se como um projeto interdisciplinar envolvendo o materialismo histórico, a linguística, a teoria do discurso e, de modo transversal, a psicanálise (PÊCHEUX; FUCHS, 1990), e desenvolveu-se a partir da problematização da relação entre estrutura e história, indivíduo e sujeito, língua e fala, e da crítica ao estruturalismo saussuriano e ao gerativismo chomskiano, no âmbito da linguística, e ao psicologismo, no campo das ciências humanas (ORLANDI, 2002; FLORENCIO et al, 2009).

Michel Pêcheux escolheu o discurso, em detrimento da língua, como objeto de estudo, entendendo-o como sempre determinado pelas relações que o sujeito estabelece com o mundo, com a história, de modo que “O sentido não pertence à própria palavra, não é dado em sua relação com a ‘literalidade do significante’; ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras [...] são produzidas” (1995, p. 160). Por isso, a AD se dedica a compreender e explicar os efeitos de sentido dos mecanismos linguísticos empregados na construção de um texto, ou melhor, como o texto produz sentido, e não qual o sentido do texto; esses mecanismos linguísticos são compreendidos como uma base comum a partir da qual as determinações históricas, nas relações contraditórias de forças sociais, produzem discursos.

Os efeitos de sentido, portanto, não são apreendidos diretamente dos elementos da língua, mas a partir do emprego desses elementos no âmbito de domínios discursivos, em um esforço de análise muito mais amplo e complexo do que aquele característico da análise linguística (ZANDWAIS, 2014). Para Pêcheux (2016, p. 127),

[...] esta mudança de terreno consiste em desvencilhar da problemática subjetivista centrada no indivíduo – fonte de gestos e de palavras, ponto de vista sobre os objetos e sobre o mundo – e compreender que o tipo de concreto com que lidamos e em relação ao qual é preciso pensar, é precisamente o que o materialismo histórico designa pela expressão *relações sociais*, que resulta de relações de classe características de uma formação social dada (através do modo de produção que a domina, a hierarquia das práticas de que este modo de produção necessita, os aparelhos através dos quais se realizam estas práticas, as posições que lhes correspondem, e as representações ideológico-teóricas e ideológico-políticas que delas dependem).

Em seu procedimento de análise, que parte da análise linguística para chegar à compreensão dos processos discursivos, ganha especial relevo o conceito de condições de produção (CP), compreendido como o conjunto de elementos que caracterizam a situação enunciativa e o contexto sócio-histórico em que o texto é produzido, ou seja, “[...] a situação mais imediata e o sujeito em suas relações mais amplas, resgatando pela memória sócio-histórica e ideológica, discursos outros” (CAVALCANTE, 2014, p. 79). Para Pêcheux (1993, p. 76-77), “[...] um discurso é sempre pronunciado a partir das condições de produção dadas [...]. Ele está, pois, bem ou mal situado no interior da *relação de forças* existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado [...]” (grifo do autor).

Parte significativa das CP é constituída pelo que o autor denomina de formações imaginárias (FI_m) e que correspondem ao conjunto de imagens “[...] que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1990, p. 71)³. As FI_m estão diretamente relacionadas às formações sociais, isto é, “[...] a uma totalidade social concreta, historicamente determinada a partir das formas que se combinam às diferentes relações de produção coexistentes em nível da estrutura econômica” (HARNECKER, 1981, p. 135), de modo que toda formação social dispõe de regras

³ A e B representam os lugares do enunciador e do enunciatário, respectivamente. De uma maneira talvez mais clara, Orlandi (2009, p. 40) define as FI_m como “um jogo imaginário que preside a troca de palavras [...] e inclui: a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto e assim por diante”.

de projeção que relacionam as situações objetivas que a compõem e as representações dessas situações por parte dos sujeitos – posições que devem ser assumidas por eles (PÊCHEUX, 1990).

Partindo do entendimento de que as FI funcionam como um lugar de mediação entre a ideologia e os indivíduos e de que “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX; FUCHS, 1990, p. 167) – processo de subordinação-assujeitamento que se dá através do discurso –, Pêcheux elabora os conceitos de formação ideológica (FI) e formação discursiva (FD). As FI correspondem a um sistema de evidências e significações pré-estabelecidas na conjuntura sócio-histórica e percebidas/aceitas/experimentadas pelo indivíduo, de modo que elas fornecem a cada sujeito sua realidade; assim elas constituem “[...] um complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX; FUCHS, 1990, p. 166), relacionando-se entre si por uma estrutura de desigualdade-subordinação no âmbito de uma formação social dada, ou seja, pela “[...] contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes” (PÊCHEUX, 1995, p. 147).

A FD, por seu turno, “[...] é aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito [...]” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). A FD é, assim, a materialização da FI que se constitui historicamente no interior de determinadas relações de classe como o território do processo de subordinação-assujeitamento, de modo que a interpelação se efetua pela identificação do indivíduo com a FD que o domina, fundando sua unidade imaginária enquanto sujeito. Logo, a ideologia ocupa o lugar central, fornecendo as evidências “[...] que fazem com que uma palavra ou enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim sob a transparência da linguagem [...] o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados” (1995, p. 160, grifo do autor).

Observa-se, portanto, uma fina sintonia entre a proposta de interpretação da sociedade humana a partir da divisão e do conflito históricos entre classes sociais, própria do materialismo histórico (MARX; ENGELS, 2003), e o projeto de

compreensão do discurso humano a partir das suas condições históricas de produção, empreendido pela AD pecheutiana. Acerca disso, Magalhães enfatiza que “O discurso não é uma construção independente das relações sociais, mas ao contrário, o fazer discursivo é uma práxis humana que só pode ser compreendida a partir do entendimento das contradições sociais que possibilitaram sua objetivação” (2011, p. 37), o que é evidenciado pelo fato de Pêcheux submeter as FD às FI, ou melhor, as regiões do discurso às contradições de classes antagônicas da sociedade.

Quanto à concepção da unidade imaginária do sujeito, Pêcheux compreende a subjetividade a partir da visão psicanalítica de uma psique cindida, dividida, heterogênea, contraditória, sujeita ao equívoco e à falha. De modo particular, a AD compreende que a evidência de uma unidade subjetiva é sustentada através de dois processos próprios do fazer discursivo (PÊCHEUX; FUCHS, 1990): o esquecimento ideológico, que corresponde à ilusão de que o sujeito é a origem exclusiva do sentido e o criador absoluto do seu discurso (apagamento inconsciente da exterioridade de sua FD), e o esquecimento enunciativo, definido como a ilusão de que tudo aquilo que ele diz tem um único significado, objetivo e transparente, que será identificado automaticamente pelo interlocutor (apagamento consciente ou pré-consciente dos modos de seleção e combinação das formas e sequências enunciativas não mobilizados pela sua FD).

Uma das consequências mais relevantes dessa unidade imaginária do sujeito é a ilusão de unidade dos textos que ele produz, enquanto materializações do seu discurso. Para Gregolin, “A coerência visível em cada texto particular é efeito da construção discursiva: o sujeito pode interpretar apenas alguns dos fios que se destacam das teias de sentidos que invadem o campo real social”, assim a evidência da coerência e da unidade do sentido é construída “[...] por agenciamentos discursivos dos enunciadores que controlam, delimitam, classificam, ordenam e distribuem os acontecimentos discursivos em dispersão” (2003, p. 97). Por meio dessas pretensões de originalidade, transparência, unidade e coerência é possível observar as posições a um só tempo assumidas e denegadas pelo sujeito: a relação entre o que é evidenciado e o que é apagado revela a inscrição do sujeito na FD que o domina.

3 A RECEPÇÃO DA CRÔNICA DE ZECA CAMARGO

Antes de procedermos à análise das sequências discursivas (SD) selecionadas a partir do *corpus*, faz-se necessário considerar que tanto a crônica de Zeca Camargo quanto as notícias sobre ela são materialidades de discursos midiológicos e polêmicos. Quanto à primeira característica, Gregolin assevera que “[...] as *mídias* desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta” (2003, p. 97), ou seja, o discurso midiológico é uma proposta de compreensão e representação do mundo pelos sujeitos, o que implica que ele se propõe como interpretação verdadeira da realidade, ainda que não seja a reprodução dessa realidade. No discurso polêmico, por sua vez, é “[...] aquele em que a reversibilidade se dá sob certas condições e em que o objeto do discurso está presente, mas sob perspectivas particularizantes dadas pelos participantes que procuram lhe dar uma direção, sendo que a polissemia é controlada” (ORLANDI, 1996, p. 154)⁴.

Embora a crônica de Zeca Camargo não componha o *corpus* deste trabalho, trazemos no Anexo A sua transcrição integral, tendo em vista que o conhecimento do seu conteúdo é fundamental para o entendimento dos efeitos de sentido produzidos em sua recepção nas materialidades aqui analisadas. Esse texto trata da comoção nacional diante da morte do cantor Cristiano Araújo e foi divulgado pelo *Jornal das Dez*, da Globo News, na mesma semana da tragédia, compondo-se de elementos audiovisuais: a voz de Zeca Camargo narra sua crônica enquanto imagens da comoção dos brasileiros são apresentadas. A questão nevrálgica diz respeito ao fato de o autor comparar essa reação emocional com a popularidade dos livros para colorir, e relacionando-a a uma “atual pobreza da alma cultural brasileira” (CAMARGO, 2015, p. 1).

Passamos agora a analisar os textos selecionados, na seguinte ordem: *Zeca Camargo critica comoção nacional em morte de Cristiano Araújo: “Pobreza da alma cultural brasileira”*, notícia da revista Caras (2015); *Zeca Camargo sobre crônica a Cristiano Araújo: ‘Não tenho medo das minhas opiniões’* (2015) e *Danilo Gentili*

⁴ A reversibilidade refere-se à possibilidade de permuta das posições de enunciador e enunciatário entre os interlocutores.

ironiza fala de Zeca Camargo sobre ‘pobreza cultural’ (2015), notícias da revista *Veja*; *Zeca Camargo chamando Cristiano Araújo de Cristiano Ronaldo é destaque no Cena Virtual* (BOERE, 2015), notícia do jornal *O Globo*, doravante identificados, respectivamente, pelos seguintes códigos: RC1, RV1, RV2 e JG1.

(SD1) Muita gente estranhou a comoção nacional diante da morte trágica e repentina do cantor Cristiano Araújo. A surpresa maior, porém, **vem do fato** de ser tão famoso e tão desconhecido. O Brasil, felizmente, tem um punhado de artistas que não passam pelo radar da grande mídia, nem são um consenso popular, mas que levam multidões para seus shows. (RC1, p. 1, grifo nosso)

A SD1 foi escolhida por retratar de forma bastante explícita o modo de funcionamento midiológico: a apresentação das propostas de verdade dá-se através do emprego de topicalizações, ênfases, elipses, metáforas etc. que não se constituem em um falseamento objetivo da realidade, mas em uma manipulação dos dados e das interpretações da realidade que busca conduzir o enunciatório a anuir a uma determina opinião e assumir uma dada posição na formação social. Trata-se a transcrição de um trecho da crônica de Zeca Camargo divulgada no âmbito da revista *Caras*. Há, contudo, uma infidelidade significativa em relação ao conteúdo do texto original no trecho grifado:

Muita gente estranhou a comoção nacional diante da morte trágica e repentina do cantor Cristiano Araújo. A surpresa maior, porém, **não é o fato** de ser tão famoso e tão desconhecido. O Brasil, felizmente, tem um punhado de artistas que não passam pelo radar da grande mídia, nem são um consenso popular, mas que levam multidões para seus shows. (CAMARGO, 2015, p. 1, grifo nosso).

O deslocamento entre os significantes “não é o fato” e “vem do fato” produz efeitos de sentido que podem ser interpretados do seguinte modo: no primeiro caso, a surpresa reside no fato de haver a irrupção de uma comoção nacional não prevista, porque “[...] de uma hora para outra fãs e pessoas que não faziam ideia de quem era Cristiano Araújo partiram para um abraço coletivo” (CAMARGO, 2015, p. 1); no segundo caso, a ênfase da surpresa é posta no fato de e o cantor Cristiano Araújo ser ao mesmo tempo muito famoso e muito desconhecido. Essa manipulação das palavras do cronista revela uma estratégia de intensificar a polêmica causada por suas reflexões: no texto original, o autor critica os fãs do artista falecido, em razão de sua reação exagerada, enquanto no texto manipulado a crítica é direcionada para

este último, o que poderia provocar um repúdio social ainda mais intenso à crônica, como forma de preservação da sua memória, e, com isso, atrair mais leitores para a revista (fluxo é convertido, através de dispositivos mercadológicos, em lucro para a sua editora).

Ao amplificar a polêmica, pela sua reverberação e manipulação, as mídias produzem sentidos que estão diretamente relacionadas às posições por elas assumidas na formação social. Para compreender as posições editoriais assumidas em RV1, RV2 e JG1 em relação à crônica de Zeca Camargo, é de salutar importância compreender as condições de produção das editoras e do cronista. Este último é filho de pai médico e de mãe fazendeira, tendo crescido no seio de uma classe social rica e abastada, e tornou-se jornalista da Rede Globo após tentativas de firmar-se no mundo artístico através da dança. A revista *Veja* e o jornal *O Globo*, por sua vez, pertencem aos maiores grupos empresariais de comunicação do país, Abril e Globo, respectivamente, que, historicamente têm assumido uma postura política direitista e elitista. Assim, tanto as mídias consideradas quanto Zeca Camargo, estão filiados a uma mesma FD – a FD burguesa –, reconhecendo-se mutuamente como membros da classe “cult”, que se opõe à classe que não tem “riqueza cultural”, no conflito constitutivo da formação social; além disso, o jornal *O Globo* pertence ao mesmo grupo que emprega o cronista, quer dizer, que se identifica e se satisfaz com sua performance jornalística – seu discurso.

(SD2) Jornalista se tornou alvo de críticas após texto **controverso** sobre comoção em torno da morte do sertanejo (RV1, p. 1, grifo nosso)

(SD3) No texto, uma **reflexão** sobre a comoção nacional em torno da morte do cantor sertanejo Cristiano Araújo, o jornalista compara o fato com a popularidade dos livros para colorir, como uma prova da “atual pobreza da alma da cultura brasileira”. [...] A reflexão, **claro**, se tornou alvo de **comentários raivosos**, que levaram Camargo a tentar se redimir durante o *VídeoShow*, onde chamou o cantor de “Cristiano Ronaldo” e também em seu blog, com um texto em que **explica** o que quis dizer durante o telejornal. (RV1, p. 1, grifo nosso)

(SD4) “Então agora o negócio é comigo. Muito bem. Não tenho medo das minhas opiniões até porque, está claro para mim que minha crítica não era

ao artista nem aos luto dos fãs, mas à cobertura que se fez e ao vazio do discurso sobre cultura no Brasil”, diz Camargo. (RV1, p. 1)

(SD5) Nas redes sociais, os sertanejos criaram uma **corrente contra** a crônica e nomes como a dupla Henrique e Juliano, Fernando e Sorocaba e Israel Novaes publicaram imagens em que aparecem de ouvidos tapados como forma de protesto e **puxaram** a hashtag **#QuemEZecaCamargo**. (RV1, p. 1, grifo nosso)

(SD6)



(RV1, p. 1)

A posição assumida pela revista Veja no texto RV1 é a da defesa de Zeca Camargo, o que fica evidenciado nos enunciados de SD2 a SD5. A lide da notícia (SD2) afirma que a crônica é um texto “controverso”, isto é, sujeito à polêmica, o que pressupõe ao menos duas posições antagônicas em conflito: uma tendente à concordância e outra à discordância em relação aos sentidos nele produzidos. O motivo da controvérsia, contudo, é apagado pelas escolhas enunciativas, podendo ser, em tese, desde uma reação política até um equívoco de compreensão, isso porque é silenciada a crítica do cronista aos fãs do cantor, que é nomeada na SD3 como uma “reflexão”. Ainda na SD3, afirma-se que essa reflexão se tornou, de forma óbvia (“claro”), alvo de “comentários raivosos”; essa caracterização negativa das réplicas como previsíveis e desprezíveis contrasta com a apresentação ora claramente positiva ora pretensamente neutra da crônica.

Por que a reação do grande público é óbvia e raivosa? Por que as palavras de Zeca Camargo são tidas como reflexivas e não como infames? Uma resposta possível e, para nós, a mais plausível, já que são discursos produzidos no seio da mesma FD burguesa, é a de que tanto a crônica quanto a notícia ancoram-se em uma topologia do espaço sociocultural marcada pela divisão entre segmentos de “riqueza cultural”

(cultos) e segmentos de “pobreza cultural” (populares), assim, a incultura manifestada pela comoção tida como repentina e desmedida à morte de Cristiano Araújo também se materializou no não entendimento dos sentidos produzidos pelo cronista, já que ele precisou “explicar” (SD3) o que quis dizer, ou seja, considera-se que ele não fora entendido pelos fãs do cantor. Vê-se, então, como a operacionalização das Flm típicas da FD burguesa vai constituindo os efeitos de sentido: os segmentos populares são vistos como apaixonados, radicais e incapazes de compreender com facilidade o que os segmentos cultos dizem.

A proximidade discursiva entre a crônica e a notícia é explicitada pelo fato de esta reproduzir trechos daquela (SD4), mas não dos comentários tidos como raivosos. Quanto a estes, a Veja limita-se a informar que cantores sertanejos criaram uma “corrente contra” a reflexão empregando a *hashtag* “#QuemEZecaCamargo” (SD5). Novamente tem-se uma caracterização negativa instaurada pelo uso das palavras “corrente”, que remete à banalidade das correntes de oração e de e-mail que se propagaram através dos meios de comunicação social instantânea graças à reprodução automática e ingênua realizada por participantes desinformados e incautos, e “contra”, que tem um sentido convencionalmente negativo de oposição, hostilidade, impetuosidade etc. (HOUAISS, 2009).

Essa “corrente contra” se constitui em “puxar” postagens em redes sociais marcadas pela *hashtag* #QuemEZecaCamargo, o que revela um efeito metafórico em relação à crônica: os cantores sertanejos “puxam” uma corrente de mensagens assim como “levam” multidões para seus shows (CAMARGO, 2015, p. 1), ou melhor, “arrastam” multidões (paráfrase que também circula no discurso midiológico, embora não esteja explicitada no *corpus*). São assim, equiparadas, a comoção à morte, a reação à crônica e lotação dos *shows*: trata-se de catarse coletivas, expressões pouco racionais de uma massa delirante, eventos maiores que unem as classes populares pela emoção, puxadas por pares de Cristiano Araújo que as inflamaram contra Zeca Camargo – como elemento silenciado, está a ideia de que as classes cultas compreenderam e concordaram com ele, por serem guiadas pela razão (novamente nota-se a explicitação das Flm...).

Por fim, a dimensão pictórica da notícia também evidencia a tomada de posição da revista, reforçando os mecanismos linguísticos empregados. O cronista é representado em uma imagem capitular na qual aparece em primeiro plano, com um semblante sereno, vestindo uma roupa clara e ostentando um sorriso contido e pacífico, destacado de uma paisagem arbórea ao fundo, cujo efeito de sentido é a expressão da paz e da harmonia. Seus opositores, por sua vez, não são reproduzidos pictoricamente, mas através do seguinte enunciado descritivo: “[...] nomes como a dupla Henrique e Juliano, Fernando e Sorocaba e Israel Novaes publicaram imagens que aparecem de ouvidos tapados como forma de protesto [...]” (SD5). Nessa desigualdade de tratamento fica evidente a apologia a Zeca Camargo: sua voz é reproduzida *ipsis litteris* em cinco fragmentos ao longo do texto, sua imagem é retratada de modo bastante destacado e positivo; os fãs e colegas de Cristiano Araújo, ao contrário, são representados de modo negativo e até pejorativo e silenciados, de modo que suas palavras são apenas mencionadas e suas imagens, reduzidas a traços descritivos.

(SD7) Depois de criticar a cobertura da morte do cantor Cristiano Araújo e de ser **detonado** por milhares de fãs do sertanejo, Zeca Camargo agora **virou piada** para Danilo Gentili [...]. (RV2, p. 1, grifo nosso)

(SD8) O site do programa, dentro do portal do SBT, ironiza os comentários de Zeca: “**O The Noite quer que você seja uma pessoa rica em cultura, mesmo gostando de colorir livros. Estamos disponibilizando as imagens “Zecas Culturais” pra você**”. No site, onde as três imagens estão disponíveis para download, Gentili pede para os espectadores postarem uma foto no Twitter do desenho colorido com a hashtag **#zecacultural**. (RV2, p. 1, grifo nosso)

(SD9)



(RV2, p. 1)

(SD10)



(RV2, p. 1)

Observa-se uma série de deslizamentos em relação à notícia anterior: Zeca Camargo é tratado como alguém que fez críticas (SD7) e não apenas reflexões, a voz e a face de sua contraparte são reproduzidas e não apenas citadas indiretamente (SD8 e SD9), e até mesmo uma caricatura pejorativa do cronista é trazida à baila (SD10). Essa deriva de sentidos, contudo, não resulta de uma alteração das posições assumidas pela editora na FD a que está filiada, mas de efeitos metafóricos produzidos pelas mudanças ocorridas nas condições de produção: o texto RV1 é datado de 29 de junho de 2015, quando a polêmica ainda era incipiente, e RV2, de 3 de julho do mesmo ano, quando a polêmica já havia ganhado repercussão nacional e havia se firmado um consenso acerca da infelicidade das palavras do jornalista.

Os deslizamentos de sentido, portanto, são concessões adjetivas necessárias, para que o discurso possa permanecer substancialmente o mesmo. Na SD7, após afirmar-se que o cronista “criticou” a comoção em torno da morte de Cristiano Araújo, diz-se que ele foi “detonado” pelos fãs e “virou piada” para o humorista Danilo Gentili; essa gradação estabelecida entre criticar, ser detonado e virar piada, mostra uma desigualdade que favorece Zeca Camargo: pelo simples fato de fazer uma crítica, foi detonado e (ainda) virou piada! Ou seja, vai-se delineando a imagem de que ele é uma vítima de seus antagonistas: mais do que criticar, ele foi criticado, incompreendido, injustiçado. A escolha do antagonista a ser representado midiologicamente também é reveladora: não se reverberam as críticas duras e sérias dos cantores sertanejos e dos fãs do cantor falecido, mas sim o tratamento cômico

dado por outro apresentador de televisão, o que é bem menos contestador em relação à FD da revista.

(SD11) Crônica do apresentador num telejornal da GloboNews **revoltou** fãs e, ao **pedir desculpas** no *VídeoShow*, ele cometeu a gafe. (JG1, p. 1, grifo nosso)

(SD12) Zeca Camargo foi um dos assuntos mais comentados nas redes sociais desta semana. **Tudo** porque **foi criticado** por sua crônica sobre o sertanejo Cristiano Araújo no *Jornal das Dez*, da GloboNews. Ao se **desculpar**, no *VídeoShow*, da Globo, o jornalista chamou o cantor de Cristiano Ronaldo. Os fãs do cantor ficaram **#chateados**. (JG1, p. 1, grifo nosso)

(SD13) Dunga **também foi infeliz** ao se comparar a afrodescendentes para dizer que gosta de apanhar. (JG1, p. 1, grifo nosso)

Nas sequências SD11 a SD13, o jornal O Globo noticia a gafe cometida por um dos jornalistas de seu grupo editorial, o mesmo tempo em que se posiciona discursivamente a favor dele, o que é evidenciado pelos elementos grifados. Na lide (SD11), afirma-se que Zeca Camargo “revoltou” fãs, ao mesmo tempo em que se apaga o motivo da revolta, tendo em vista que em nenhum momento a notícia refere-se ao conteúdo da crônica que mobilizou as réplicas. Além disso, a ênfase maior é dada a um equívoco cometido por ele ao “pedir desculpas”: trocou a segunda parte do nome do cantor Cristiano Araújo; esse deslocamento das críticas ou reflexões iniciais do cronista para um posterior equívoco de linguagem tem como efeito de sentido a construção de uma situação socialmente mais aceitável, já que faz parte do consciente coletivo a ideia de que “errar é humano”.

Na SD12, Zeca Camargo é apresentado com um sujeito passivo, gramaticalmente paciente, que sofre, portanto, uma ação de seus adversários: afirmar-se que ele “foi criticado” por apresentar uma crônica sobre a morte do artista, apagando-se, portanto, o sentido de ele também “criticou” através de sua crônica... Em seguida, diz-se que ele procurou se “desculpar”, ocasião em que cometeu uma (simples) gafe. Busca-se, construir uma imagem positiva do jornalista, portanto, minimizando-se suas falhas através do uso pronome “tudo”, com sentido de “apenas” ou “somente”, da *hashtag* “#chateados”, com tom notadamente irônico no tocante à reação dos fãs, e da comparação com deslizes cometidos por outra celebridade, que

“também foi infeliz” (SD13). Trata-se, assim, mais uma vez, da construção imaginária de um Zeca Camargo “vítima” de seus críticos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A AD pecheutiana provocou uma ruptura no âmbito das ciências humanas ao deslocar o objeto teórico dos estudos semânticos da língua para o discurso, e ao romper com a ideia de um sistema fechado em que os signos adquirem sentido, abrindo-o à realidade sócio-histórica em que tantos os sentidos quanto os sujeitos são constituídos. Para ela, as posições assumidas pelos sujeitos nas formações sociais são materializadas no discurso através dos mecanismos linguísticos empregados por eles, cuja compreensão exige que sejam referidos às condições de produção desse discurso. Os efeitos de sentido produzidos nessa inscrição histórico-linguística, por sua vez, revelam a filiação do sujeitos-enunciadores a uma FD dada, isto é, o lugar social de onde se fala.

Nos discursos midiológicos analisados, essas hipóteses teóricas puderam ser mobilizadas e comprovadas através das materialidades textuais e das informações sobre a situação sócio-histórica e o contexto enunciativo em que eles foram produzidos. O pertencimento do cronista e das editoras a uma mesma FD – a FD burguesa – implica em uma proximidade social e semântica que é materializada nas posições discursivas assumidas e nos efeitos de sentido produzidos: os mecanismos linguísticos, atravessados pelos processos de apagamento e de elaboração de imagens, são mobilizados pelos grupos editoriais Abril e Globo em prol da defesa de Zeca Camargo, que, para funcionar, precisa disfarçar seu caráter de posição específica no seio da formação social e tornar-se uma evidência do discurso: a única “reflexão” plausível acerca dos eventos noticiados.

REFERÊNCIAS

BOERE, N. Zeca Camargo chamando Cristiano Araújo de Cristiano Ronaldo é destaque no Cena Virtual. **O Globo**, Rio de Janeiro, 4 jul. 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/zeca-camargo-chamando-cristiano-araujo-de-cristiano-ronaldo-destaque-no-cena-virtual-16656612>>. Acesso em: 6 mar. 2016.

CAVALCANTE, M. do S. A. Mobilidade do sujeito e dos sentidos no espaço político: processos de identificação/desidentificação. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 9, n. 12, p. 77-85, 2014.

DANILO GENTILI ironiza fala de Zeca Camargo sobre pobreza cultural. **Veja**, São Paulo, 3 jul. 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/danilo-gentili-ironiza-fala-de-zeca-camargo-sobre-pobreza-cultural/>>. Acesso em: 6 de mar. 2016.

FLORÊNCIO, A. M. G. et al. **Análise de discurso**: fundamentos & práticas. Maceió: EDUFAL, 2009.

GREGOLIN, M. do R. (org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

HARNECKER, M. **Os conceitos elementares do materialismo histórico**. São Paulo: Global, 1981.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**: Versão monousuário 3.0 [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MAGALHÃES, B. A determinação da objetividade e as possibilidades da subjetividade: real da história e real do sujeito. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 29, parte I, p. 33-38, abr./jun. 2011.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2003.

NOBRE, N. Zeca Camargo chamando Cristiano Araújo de Cristiano Ronaldo é destaque no Cena virtual. **O Globo**, São Paulo, 4 jul. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/zeca-camargo-chamando-cristiano-araujo-de-cristiano-ronaldo-destaque-no-cena-virtual-16656612>>. Acesso em: 6 mar. 2016.

ORLANDI, E. P. A Análise de Discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 42, p. 21-40, jan./jun. 2002.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990. p. 61-161.

_____. Língua, "Linguagens", Discurso. In: ORLANDI, E. **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 121-129.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

_____; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990. p. 163-252.

CAMARGO, Z. [Crônica]. In: PETROF, D. Crônica de Zeca Camargo sobre Cristiano Araújo vai parar na Justiça. **Diário da Manhã**, 17 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.dm.com.br/cotidiano/2015/07/cronica-de-zeca-camargo-sobre-cristiano-araujo-vai-parar-na-justica.html>>. Acesso em: 6 jan. 2016. p. 1.

ZANDWAIS, A. Contribuições de teorias de vertente marxista para os estudos da linguagem. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 9, n. 12, p. 51-63, 2014.

ZECA CAMARGO SOBRE crônica a Cristiano Araújo: não tenho medo das minhas opiniões. **Veja**, São Paulo, 29 jun. 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/zeca-camargo-sobre-cronica-a-cristiano-araujo-nao-tenho-medo-das-minhas-opinioes/>>. Acesso em: 6 mar. 2016.

ZECA CAMARGO CRITICA comoção nacional em morte de Cristiano Araújo: "Pobreza da alma cultural brasileira". **Caras**, São Paulo, 29 jun. 2015. Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/atualidades/zeca-camargo-critica-comocao-nacional-em-morte-de-cristiano-araujo-pobreza-da-alma-cultural-brasilei>>. Acesso em: 6 mar. 2016.

ANEXO A: transcrição da crônica de Zeca Camargo no Jornal das Dez⁵

Muita gente estranhou a comoção nacional diante da morte trágica e repentina do cantor Cristiano Araújo. A surpresa maior, porém, não é o fato de ele ser ao mesmo tempo tão famoso e tão desconhecido. O Brasil felizmente tem um punhado de artistas que não passam pelo radar da grande mídia nem são um consenso popular, mas que levam multidões para seus shows.

Essa é uma consequência natural do talento que nós temos para a música cruzado com o tamanho e a diversidade do nosso território. O que realmente surpreende nesse evento triste da semana foi a comoção nacional. De uma hora para outra, na última quarta-feira, fãs e pessoas que não faziam ideia de quem era Cristiano Araújo, partiram para o abraço coletivo, como se todos nós estivéssemos desejando uma catarse assim, um evento maior que nos unisse pela emoção.

Nós sempre precisamos disso. Grandes funerais públicos vêm em ciclos, expurgar nossas dores, como se tivessem uma capacidade purificadora. É só lembrar de despedidas que, dependendo da sua geração, ainda estão na sua memória: Cazuza, Kurt Cobain, Ayrton Senna, Mamonas Assassinas, princesa Diana, Michael Jackson.

Mas, Cristiano Araújo? Sim, Lady Di, Mamonas, Senna, todos esses eram, guardadas as proporções, ídolos de grande alcance. Como então fomos capazes de nos seduzir emocionalmente por uma figura relativamente desconhecida? A resposta está nos livros para colorir! Sim, eles mesmos. Os inesperados vilões do nosso cenário pop, acusados de, entre outras coisas, destacar a pobreza da atual alma cultural brasileira.

Não vale a pena aqui discutir o verdadeiro valor desses produtos – se é que ele existe. Mas eles vêm bem a calhar para que a gente faça um paralelo com a ausência de fortes referências culturais que experimentamos no momento. A morte de Cristiano Araújo e a quase insana cobertura de sua despedida vestiu a carapuça de um contorno de linhas pretas no papel branco, só esperando a tinta da emoção das pessoas para ganhar tons e, quem sabe, um significado.

Como robôs coloristas, preenchemos aqueles desenhos na ilusão de que estamos criando alguma coisa. Assim como, ao nos mostrarmos abalados com a ausência de Cristiano, acreditamos estar de fato comovidos com a perda de um grande ídolo. Todos sabemos que não é bem assim. O cantor talvez tenha morrido cedo demais para provar que tinha potencial para se tornar uma paixão nacional, como tantos casos recentes.

Nossa canção popular é hoje dominada por revelações de uma música só, que se entregam a uma alucinada agenda de shows para gerar um bom dinheiro antes que a fúria desse sucesso singular apague sem deixar uma chama mais duradoura. E nesse cenário qualquer um pode, ainda que por um dia, ser uma estrela maior.

Seria esse o caso de Cristiano Araújo? O mais inquietante de tudo isso é que nosso pop não precisa ser assim. Nossa história musical, e mesmo o passado recente, prova que temos tudo para adorarmos ídolos de verdade, e para chorar de verdade, seja pela presença deles no palco ou na saudade da perda. Mas agora, olhando em volta, parece que não vemos nada disso.

Não precisa ser assim. Contradizendo o famoso refrão de Tina Turner, “we do need another hero”: precisamos, sim, de um outro herói, de mais heróis. Mas está todo mundo ocupado pintando jardins secretos.

⁵ Extraída de Camargo (2015).